

COMENTÁRIO DA GESTÃO

ABRIL 2026


Reach

Prezados (as) cotistas,

Em linha com nosso compromisso com nossos clientes e parceiros, além deste conteúdo mensal, criamos também um canal de notícias no whatsapp com conteúdo diário, onde vocês poderão acompanhar mais de perto nossas pesquisas, notícias e ideias. Para fazer parte do canal, segue link: <https://whatsapp.com/channel/0029VbBDmsz90x2nmqDn960x>

Abaixo, o conteúdo elaborado pelo nosso Economista-Chefe, Igor Barenboim. Ao final da carta, trazemos também a visão da Gestão para os fundos da Reach.

Boa leitura!

▪ A GUERRA E SEUS IMPACTOS NO BRASIL E NO MUNDO

O mês de abril de 2026 consolidou um período de reavaliação tática e recuperação nos mercados globais, após o profundo choque de aversão ao risco provocado pela eclosão da guerra no Oriente Médio em março. Se o mês anterior foi dominado pelo pânico e por uma reprecificação abrupta, abril exigiu dos alocadores a capacidade de separar o ruído geopolítico dos fundamentos macroeconômicos.

Neste cenário de "pouso suave" (soft landing) testado por uma inflação resiliente, a economia brasileira apresentou dinâmicas peculiares, onde o choque de commodities atuou de forma favorável a determinados ativos locais, e o calendário eleitoral começou a ofuscar as preocupações fiscais de curto prazo. A seguir, detalhamos nossa leitura sobre o último mês e o posicionamento da Reach Capital.

1. Panorama Global e Geopolítica: O Choque de Oferta e a "Última Milha" da Inflação

A eclosão do conflito no Oriente Médio redesenhou o mapa de riscos globais, consolidando a transição para um mundo de cadeias de suprimentos fragmentadas e rotas comerciais vulneráveis. O impacto mais direto e severo foi sentido no mercado de energia. O petróleo tipo Brent testou picos de volatilidade extrema e estabeleceu um novo patamar de suporte estrutural ao longo de abril, impulsionado pelo risco constante de disrupções na oferta global.

No setor agrícola, a dinâmica foi complexa e exige precisão analítica: não observamos uma disparada generalizada no preço dos grãos em si, mas sim um forte encarecimento dos insumos necessários para sua produção, especialmente fertilizantes e energia. Isso espremeu as margens dos produtores e adicionou um componente de custo ao longo da cadeia que dificilmente será absorvido sem repasses futuros.

Nas economias desenvolvidas, o choque energético adicionou combustível a uma fogueira que já estava acesa. Tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, o núcleo da inflação (core) mostra uma persistência incômoda, ancorada no setor de serviços e em mercados de trabalho apertados. A conclusão de abril reforça nossa tese estrutural: a última milha no combate à inflação global será longa e acidentada.

2. Política Monetária Internacional (Federal Reserve): A Resiliência das Taxas e dos Balanços

Diante da persistência inflacionária, a última decisão do FOMC (Federal Reserve) confirmou o cenário de juros restritivos por mais tempo (higher for longer). O comitê optou pela manutenção das Fed Funds Rates,

adotando um tom inequivocamente hawkish no comunicado. O Fed sinalizou que o processo de desinflação perdeu tração, afastando as expectativas de cortes agressivos no curto prazo.

A consequência imediata foi o estresse no mercado de renda fixa americana. As Treasuries de 10 anos abriram novamente, refletindo o ajuste no custo de capital global. Apesar dessa pressão nos juros longos, o mercado acionário mostrou força. Após o excesso de desconto aplicado em março devido à guerra, índices como o S&P 500 e a Nasdaq apresentaram uma sólida recuperação em abril. O foco do mercado voltou-se para a temporada de balanços corporativos, que demonstrou que as grandes empresas estão conseguindo repassar custos e manter a geração de caixa mesmo num ambiente macroeconômico adverso.

3. Cenário Brasil - Política e Fiscal: As Eleições Ofuscam o Ruído de Curto Prazo

No cenário doméstico, observamos uma importante mutação na narrativa de mercado: a questão fiscal deixou de ser analisada de forma isolada e passou a ser precificada sob a ótica eleitoral.

O atual governo intensificou sua agenda de estímulos, com destaque para a ampliação do programa Desenrola. Embora essas medidas acelerem a economia no curto prazo e reduzam o espaço para cortes de juros, o mercado tem se mostrado menos preocupado com essa deterioração fiscal marginal. O motivo é claro: o radar da Faria Lima e dos investidores estrangeiros já está voltado para as eleições.

O crescimento e a consolidação de Flavio nas pesquisas de intenção de voto mudaram a conversa. A expectativa de que o próximo ciclo político possa trazer uma plataforma econômica mais conservadora — com foco em rigor fiscal, controle do endividamento e retomada de privatizações — tem servido como um poderoso suporte para os preços dos ativos domésticos. O mercado precifica que o atual "custo da reeleição" tem prazo de validade, e a perspectiva de uma mudança de comando ancora a confiança do empresariado no médio prazo.

4. Política Monetária Nacional (Copom/BCB): Inflação e Petróleo Ditam a Curva

O Banco Central do Brasil manteve uma postura cautelosa em abril. O debate sobre a política monetária local também sofreu ajustes importantes. A curva de juros local (DIs) registrou um movimento expressivo, com o vértice de Jan/29 abrindo cerca de 45 basis points.

É fundamental calibrar o diagnóstico dessa abertura: diferentemente do que ocorreu em outros momentos de estresse, a inclinação da curva em abril não foi motivada primariamente pelo pânico fiscal. Com as eleições servindo como um "tampão" para o risco de longo prazo, a abertura do DI refletiu muito mais o choque nos preços do petróleo e a constatação de que a inflação projetada se encontra acima da meta no horizonte relevante de política monetária. A autoridade monetária sinalizou que, diante de um cenário de energia mais cara e economia aquecida (estimulada por programas de crédito), o ciclo de flexibilização da Selic encontra barreiras técnicas.

5. Mercados e Preços de Ativos: Fechamento de Abril de 2026

Diferente de março, abril foi marcado por uma forte rotação de portfólios, onde o Brasil conseguiu se beneficiar de sua posição no tabuleiro global de commodities.

Câmbio (O Destaque do Mês): O Real (BRL) foi, sem dúvida, o melhor ativo brasileiro em abril. Enquanto outras moedas emergentes sofreram com as Treasuries americanas altas, o BRL encontrou um forte suporte. A explicação reside na geopolítica: a guerra no Oriente Médio ajudou a moeda brasileira porque o Brasil consolidou sua posição como um grande exportador líquido de petróleo. O choque nos preços de energia melhorou significativamente nossos termos de troca, garantindo fluxo cambial e transformando o Real em um ativo de proteção eficiente neste cenário.

Ibovespa: O índice de ações apresentou recuperação ao longo do mês, corrigindo as perdas geradas pelo pânico da guerra em março, e fechando com resiliência. O índice foi suportado justamente pelas gigantes de energia e commodities, que surfaram a alta global, equilibrando o peso dos setores domésticos mais sensíveis aos juros futuros.

Renda Fixa: Como mencionado, observamos a abertura das taxas nominais (DIs +45 bps) e um ajuste nas taxas reais, precificando uma inflação global mais persistente, impulsionada pelo barril de petróleo estruturalmente mais caro.

6. Conclusão e Prognóstico: Próximo Trimestre

Com base no fechamento de abril, a visão da equipe econômica da Reach Capital para o próximo trimestre é de **oportunidades táticas em bolsa e câmbio, com gestão conservadora de *duration* na renda fixa.**

1. **Cenário Internacional:** O risco geopolítico continuará ditando o piso do petróleo. Os dados de inflação de serviços nos EUA continuam sendo determinantes. O Fed só voltará a falar em cortes reais quando o mercado de trabalho americano mostrar sinais claros de fadiga. Até lá, a liquidez global seguirá seletiva.

2. **Cenário Doméstico:** O país vive um equilíbrio dinâmico. O pacote de gastos do governo acelera o PIB, mas o mercado olha adiante, ancorando esperanças na consolidação de candidaturas pró-mercado.

3. Posicionamento (Alocação):

Bolsa: Vemos forte assimetria positiva. Com o Brasil se beneficiando do petróleo em alta e as pesquisas eleitorais ancorando as expectativas fiscais futuras, privilegiamos empresas geradoras de caixa e setores de utilidade pública que conseguem repassar inflação.

Câmbio: O Real provou seu valor como *hedge* geopolítico. Mantemos uma visão construtiva para a moeda brasileira, dada a nossa balança comercial robusta em energia, embora a volatilidade eleitoral exija gestão ativa.

Juros e Renda Fixa: Recomendamos cautela com vértices longos pré-fixados. A preferência continua absoluta em papéis atrelados à inflação (IPCA+) de prazo intermediário, que capturam o prêmio de risco do petróleo alto e garantem juros reais substanciais para a carteira, blindando o patrimônio contra surpresas inflacionárias de curto prazo.

Seguiremos monitorando rigorosamente os desenvolvimentos no Oriente Médio, as decisões do Fed e as métricas eleitorais domésticas, ajustando nossas posições para proteger e rentabilizar o capital confiado à nossa gestão.

▪ COMENTÁRIOS DOS GESTORES

REACH FIA

O Reach FIA encerrou abril superando o Ibovespa, que recuou no período. O mês foi marcado pelo choque de petróleo — com o Brent operando acima de US\$110 pelo fechamento do Estreito de Ormuz — que dissipou expectativas de corte de juros globalmente e pressionou ativos domésticos na segunda quinzena. Os principais contribuidores positivos foram Orizon (ORVR3), com o mercado incorporando as aquisições da Vital; Hapvida (HAPV3), impulsionada por squeeze na eleição de conselheiros; e Axia (AXIA3), após aprovação da migração ao Novo Mercado. Copasa (CSMG3) e Nubank pesaram negativamente.

REACH TOTAL RETURN

O Reach Total Return encerrou abril com alta. A performance foi impulsionada por três frentes: renda variável local, câmbio e juros. No book de ações, os destaques positivos foram Orizon, Hapvida e Axia, pelos mesmos fundamentos do FIA; Copasa e Nubank pesaram negativamente. Nos derivativos, o ganho mais expressivo veio da posição comprada em BRL, construída a partir do diferencial de juros e do fluxo para emergentes. As posições aplicadas em juros locais também contribuíram positivamente.

REACH GLOBAL

Em abril, o Reach Global teve o melhor mês do fundo em 2026. O resultado foi obtido mesmo com o dólar cedendo -4,57% no período, atuando como vento contrário relevante para os retornos em reais. Os principais contribuidores foram as posições em infraestrutura de IA (semicondutores, óptica e energia para data center), construídas ao longo do mês após rotação ampla do portfólio: zeramos hedges e realizamos o trade de metais preciosos (AEM, NEM, WPM, ORLA) após rali forte no 1T, migrando o capital para esse eixo.

REACH SMALL CAPS

No Reach Small Caps, abril foi negativo, com Banco Mercantil e Randon como principais detratores do período. Do lado positivo, Orizon, NFI e Iochpe atenuaram parte das perdas. Ao longo do mês, realizamos a venda integral de NFI após ganhos expressivos acumulados — com alta de aproximadamente 35% no ano, entendemos que a relação risco-retorno ficou menos atrativa e optamos por realizar o lucro. Iniciamos posição em Viridis, companhia pré-operacional com projeto de terras raras e elevado potencial de destravamento de valor no curto prazo, especialmente com a perspectiva de um contrato de *offtake* em linha com outros já firmados no setor.

REACH INFLAÇÃO ATIVA

Ao longo do mês de abril reduzimos nossas posições aplicadas, seja em juros reais, seja em juros nominais, as quais foram responsáveis pelos ganhos do fundo no período. Conforme amplamente esperado pelo mercado, o COPOM reduziu a SELIC em mais 25 pontos, levando a taxa base para 14,50%, sem se comprometer com quais serão os próximos passos da política monetária. Apesar de permanecermos atentos à comunicação dos membros do comitê, os preços tem sido muito mais sensíveis aos desdobramentos da Guerra do Oriente Médio, ou seja, nos momentos em que a tensão se eleva, o ciclo de corte de juros precificado no Brasil (tal qual em diversos outros países emergentes) diminui drasticamente. Seguimos

acreditando que, apesar das expectativas de inflação estarem sendo revisadas para cima semanalmente, uma solução para o Estreito de Ormuz pode reverter parte desses movimentos.

REACH HIGH GRADE

No Reach High Grade, o mês foi marcado por abertura de spreads na carteira, com média de 17 bps no período. O principal detrator foram as debêntures da Aegea, que registraram abertura de 269 bps após atraso na divulgação de demonstrações financeiras e reapresentação de indicadores, com consequente deterioração das métricas de alavancagem. Seguiremos monitorando geração de caixa e suporte dos acionistas GIC e Itaúsa, que aportaram R\$ 1,2 bi em equity no 1T26. No campo positivo, as debêntures do Assaí fecharam 103 bps, recuperando as perdas do mês anterior. Seguimos cautelosos: a posição de caixa subiu para ~13% e o carregamento médio da carteira está em CDI + 1,53% a.a.

REACH CRÉDITO ESTRUTURADO

O Reach Crédito Estruturado apresenta carregamento bruto de CDI + 4,1% a.a. e *duration* de 1,8 anos. Ao longo do mês, o carregamento médio aumentou com a redução da posição de caixa para 6% do PL e o crescimento das cotas mezanino, que passaram a representar 14% do PL. O fundo conta com 26 FIDCs, com alocação majoritária em cotas seniores e boa diversificação de lastro. As principais classes são Multi-cedente/Multi-sacado (26%) e Consignado Público (22%). Nos próximos meses, esperamos ampliar a carteira para 30 a 40 FIDCs, com adição gradual de novos ativos.

RENTABILIDADES

Fundo	abr/26	2026	12 Meses	Desde o início	Início	Categoria
REACH TOTAL RETURN	1,5%	1,2%	25,7%	352,1%	29/12/2016	RENDA VARIÁVEL
Diferencial IMA-B	-0,3%	-3,6%	13,4%	216,6%		
REACH FIA	0,0%	2,7%	25,2%	300,7%	01/12/2014	RENDA VARIÁVEL
Diferencial Iboves pa	0,1%	-13,6%	-13,5%	42,4%		
REACH SMALL CAPS	-1,7%	5,3%	27,3%	27,2%	09/04/2024	RENDA VARIÁVEL
Diferencial Iboves pa	-1,6%	-11,0%	-11,4%	-17,0%		
REACH GLOBAL	6,8%	-1,3%	16,1%	15,0%	25/03/2025	RENDA VARIÁVEL
Diferencial MSCI ACW	1,7%	2,9%	3,1%	98,7%		
REACH TR XP SEGPREV	1,2%	4,8%	27,1%	59,4%	26/04/2023	PREVIDÊNCIA
Diferencial IMA-B	-0,7%	0,0%	14,8%	32,8%		
REACH PREV MODERADO FIM	-0,2%	2,2%	15,8%	56,5%	13/06/2019	PREVIDÊNCIA
% CDI	-18,0%	49,3%	106,4%	65,6%		
REACH INFLAÇÃO ATIVA	1,7%	-2,7%	1,8%	7,0%	03/12/2024	RENDA FIXA
Diferencial IMA-B	-0,1%	-7,5%	-10,5%	-8,8%		
REACH HIGH GRADE	0,9%	4,3%		10,9%	28/07/2025	CRÉDITO
% CDI	81,4%	93,9%		98,6%		
REACH CRÉDITO ESTRUTURADO	1,3%	5,3%		13,0%	21/07/2025	CRÉDITO
% CDI	121,9%	117,0%		114,1%		

Índices	abr/26	2026	12 Meses
CDI	1,1%	4,5%	14,8%
Iboves pa	-0,1%	16,3%	38,7%
IMA-B	1,8%	4,9%	12,4%
MSCI ACW	5,0%	-4,2%	13,1%

DISCLAIMER: Disclaimer. Este material tem caráter exclusivamente informativo e tem como objetivo apresentar comentários sobre o mercado e os principais fundos sob administração da Reach Capital Investimentos Ltda. ("Reach Capital"). As informações aqui contidas foram obtidas de fontes consideradas confiáveis e refletem a opinião da Reach Capital na data de sua elaboração, podendo ser alteradas sem aviso prévio. Este material não constitui oferta de venda ou solicitação de compra de cotas de fundos de investimento ou de qualquer outro ativo. As opiniões e estimativas apresentadas refletem exclusivamente a visão da gestora na data de sua elaboração e não apresentam promessa ou garantia de rentabilidade. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos e a rentabilidade passada não representa garantia de resultados futuros. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do Fundo Garantidor de Crédito - FGC. É recomendada a leitura cuidadosa do regulamento e da lâmina de informações essenciais antes de investir. Para avaliação da performance dos fundos de investimento, é recomendável uma análise de um período mínimo de 12 (doze) meses. Fundos multimercado e estratégias que utilizam derivativos podem incorrer em perdas superiores ao capital investido. Fundos de ações podem estar expostos a significativa concentração em ativos de poucos emissores, com os riscos daí decorrentes. Fundos globais podem estar sujeitos à variação cambial. Fundos de previdência seguem regras específicas e não garantem benefício futuro. Fundos de crédito privado podem estar sujeitos a riscos de liquidez e de crédito dos emissores. A Reach Capital não se responsabiliza por erros, omissões ou imprecisões no conteúdo das informações divulgadas, nem por decisões de investimentos tomadas com base neste material. Este documento não substitui a lâmina de informações essenciais, tampouco constitui demonstração de desempenho. Para confirmação de informações, entre em contato com a Reach Capital.

